

**V Encontro Nacional sobre o Ensino de
Sociologia na Educação Básica
23 a 25 de julho de 2017**

**GT05 – OS PROFESSORES DE CIÊNCIAS
SOCIAIS/SOCIOLOGIA NO MUNDO DIGITAL: AS
METODOLOGIAS DE ENSINO EM CIÊNCIAS SOCIAIS NA
EDUCAÇÃO BÁSICA**

**Título do Trabalho: A pesquisa quantitativa e o uso de
Tecnologias da Informação e da Comunicação como
práticas no ensino de Sociologia no Ensino Médio¹**

Daniel Vitor Vicente ²

Jéssica Josiane Schmidt ³

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio do Programa Observatório da Educação, da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES/Brasil.

² Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Professor da Secretaria do Estado da Educação do Paraná. Pesquisador no Observatório da Educação Ciências Sociais/UEL

³ Mestra em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Professora da Secretaria do Estado da Educação do Paraná. Pesquisadora no Observatório da Educação Ciências Sociais/UEL

Resumo: Uma das propostas da Sociologia na educação básica é a de conseguir se comunicar com os adolescentes e jovens a partir das problematizações da própria realidade socialmente construída por todos e todas. Neste sentido, as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) que o mundo digital oferecem podem ser um caminho de aproximação aos jovens à pesquisa social e às indagações dos conteúdos de sociologia. Diante desta questão, o objetivo deste artigo é tratar da importância de inserir duas ferramentas nos processos de ensino e aprendizagem de sociologia no Ensino Médio: a prática da pesquisa e o uso de TICs no espaço escolar. A união destas duas propostas busca estimular uma atitude científica de pesquisa de forma, linguagem e instrumentos acessíveis por parte dos estudantes. Um objetivo seguinte é sugerir aos professores de Sociologia uma metodologia de ensino que envolva os recursos da pesquisa e da tecnologia, utilizando como exemplo uma pesquisa *online*. Na pesquisa, 222 estudantes do ensino fundamental e médio responderam a um questionário do formulário Google. O questionário foi elaborado e aplicado por estudantes de Londrina sobre a conscientização da reciclagem e a relação de cidadania e meio ambiente. O quadro teórico está referenciado pela abordagem histórico-crítica (GASPARIN, 2003), os debates sobre ensino de Sociologia (SILVA, 2007), a Sociologia e o uso das TICs (DWYER, 2010), e a pesquisa quantitativa em Ciências Sociais (BALTAR; BALTAR, 2010).

A Sociologia na Educação Básica

Desde o momento que a disciplina de Sociologia voltou a figurar como disciplina obrigatória na Educação Básica pela Lei Federal nº 11.684 de 2008, os debates acerca dos conteúdos, metodologias de ensino, materiais didáticos, formação inicial e continuada de professores, se intensificaram e se dispersaram em rede nacional. Apesar de sua trajetória fragmentada nos currículos de Educação Básica e de suas propostas de conteúdos diversificados, formados e gerados de acordo com a situação social de cada período de inserção/retirada, atualmente podemos relatar e presenciar inúmeras experiências positivas que o ensino de Sociologia pode proporcionar com os jovens estudantes da educação básica.

Silva (2010) apresenta o histórico de idas e vindas da Sociologia na Educação Básica. Em 1931 a disciplina se torna obrigatória no 2º ano dos cursos complementares do Ensino Secundário. Em 1935 é introduzida no curso normal do Instituto Estadual de Educação de Florianópolis. Em 1942, com a Reforma Capanema,

a Sociologia deixa de ser obrigatória nos cursos secundários, mas permanece no curso normal, e passa por um período de fortalecimento e ampliação até 1964. No ano de 1971, com a Lei nº 5.692 da Reforma Jarbas Passarinho, a profissionalização no (atual) Ensino Médio se torna obrigatória e a Sociologia perde sua obrigatoriedade no curso normal. A partir de 1982, durante e após a redemocratização do Brasil, ocorreu uma reinserção gradativa da sociologia na etapa final da Educação Básica. Destaca-se, nesse ponto, a Nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei nº 9394 de 1996, que considera os conhecimentos de Sociologia e Filosofia fundamentais no exercício da cidadania. Em 2008 foi assinada a Lei nº 11.684 que obriga o ensino de Filosofia e Sociologia nas três séries do Ensino Médio.

A reintrodução da Sociologia como disciplina obrigatória no currículo do Ensino Médio em todo o país ocorre dentro de um contínuo processo de esforços pela consolidação desta disciplina na Educação Básica (SILVA, 2010, p. 15). Nesse sentido, os docentes acabam tendo, além de suas atribuições, a responsabilidade de justificar a importância dos saberes trabalhados pelas Ciências Sociais e sua presença nessa etapa de ensino, não apenas em sala de aula, mas, também, diante dos outros profissionais da escola.

A sociologia, pode possibilitar uma prática social transformadora, relativa a uma postura reformulada, orientada por uma percepção crítica e cidadã da realidade social. Neste sentido, a escolha de conteúdos e métodos sociológicos que possam dinamizar tanto a abordagem quanto o percurso do aprendizado dos estudantes, a fim de perceberem as relações e interações sociais onde eles próprios fazem parte, pode ser estabelecido como um dos objetivos da Sociologia na educação básica (MEKSENAS, 1988, p. 9-10)

Entretanto, é necessário considerar a escola como um espaço permeado por uma diversidade de sujeitos e de interações e, além disso, inserido num contexto social dinâmico e conflituoso. Essa realidade acaba gerando dúvidas, tensões e desafios: o que ensinar? Para que ensinar? Como ensinar?

Os jovens e as tecnologias

A partir do momento que os conteúdos Sociológicos são apresentados a adolescentes e jovens, um universo de novos sentidos e perspectivas, afirmadores e contraditórios, se descortinam para milhões de estudantes. É justamente sobre esta

perspectiva da possibilidade de interação dos educadores, dos conteúdos sociológicos e a condição de jovens em processos de formação social e intelectual que a atitude sociológica pode surgir, mesmo diante de tantos percalços e problemáticas que a educação brasileira pode apresentar. Dayrell (2010) aponta para a insatisfação, incertezas e até certo pessimismo que ocorrem na escola tanto por parte dos professores quanto dos alunos.

Ao mesmo tempo, na nossa convivência com professores de Sociologia do Ensino Médio, tem sido cada vez mais constante as queixas e dúvidas que apontam para uma postura de desesperança em relação às possibilidades educativas da escola, numa descrença no jovem aluno e na sua capacidade e interesse de aprendizagem. Para muitos professores, o maior problema da escola é exatamente o jovem aluno. Por seu lado, são comuns as reclamações dos jovens em relação à escola, vista como enfadonha e sem interesse, com professores que pouco acrescentam à sua formação. Ela se torna, cada vez mais, uma obrigação, tendo em vista a necessidade dos diplomas. Dessa forma, evidencia-se uma dupla tensão envolvendo a juventude. Uma mais ampla, do mundo adulto com os jovens contemporâneos, e outra mais específica destes mesmos jovens com a escola, ambas demandando uma maior compreensão. (Dayrell, 2010, p.66).

E essa espécie de “cabo de guerra” entre os educadores e as novas gerações cria demandas e oportunidades para a atuação do sociólogo dentro da escola. “Ao buscar compreender quem são os jovens alunos que chegam ao Ensino Médio” pode contribuir “para que a comunidade escolar desnaturalize a visão que possui dos alunos, superando preconceitos e estereótipos, compreendendo-os como sujeitos sociais com demandas e necessidades próprias”. E como docente, é possível contribuir “ao fazer do jovem e sua realidade objeto de pesquisa e análise nas aulas de Sociologia” (Dayrell, 2010, p.66). Ao propor a utilização da pesquisa quantitativa e o uso de Tecnologias da Informação e da Comunicação como práticas no ensino de Sociologia no Ensino Médio, buscamos, não apenas atuar nesse sentido, como também colocar os estudantes como protagonistas desse processo.

A proximidade com a utilização de tecnologias e todos os processos de sociabilidade que a linguagem tecnológica produz e reproduz podem ser utilizadas como ferramenta de aproximação didática, já que a juventude *“interage crescentemente com as tecnologias e, assim, se produz, orienta seu comportamento e conduz a própria existência. As tecnologias digitais são, pois, um importante elemento constitutivo da cultura juvenil.* (Carrano & Dayrell, 2013, p. 25).

É justamente a partir destes pressupostos que a proposta da pesquisa elaborada pelos próprios estudantes foi utilizada como uma tentativa de união entre a linguagem e familiaridade dos estudantes no universo tecnológico com uma proposta de aprendizado sociológico onde o jovem é também sujeito produtor de conhecimento. É nesse sentido que buscamos

[...] esse olhar que busca compreender as transformações que as tecnologias produzem nas subjetividades e nos processos educativos, podemos tentar enxergar que as possibilidades que a cibercultura e, em especial, as redes sociais de internet oferecem são ambíguas, mas também potencialmente educativas. (Carrano & Dayrell, 2013, p.29)

E por mais que tanto nas conversas informais ou reuniões formais, a maioria dos educadores se posicionem contra o uso de tecnologias, pois “deixam os jovens desatentos; atrapalham a formalidade da tradição escolar, ou traz à tona uma possível superficialidade educacional que o uso da internet pode ocasionar (BALTAR & BALTAR, 2010, p. 7) Entre outros posicionamentos, preferimos agir justamente ao lado das tecnologias tão conhecidas e utilizadas pelos jovens atualmente:

E, sem dúvidas, nós, professores e professoras, podemos ser mediadores importantes neste processo, desde que também nos preparemos para compreender e participar da produção dessas novas arenas educacionais que se apresentam no cenário da cibercultura e das novas tecnologias de informação e comunicação (Carrano & Dayrell, 2013, p.29)

A proposta de elaborar um questionário como instrumento de pesquisa também se fundamenta na proposta de trabalho docente que valoriza o uso de tecnologias e recursos de informática para a realização de pesquisas sociais, pois a como Baltar e Baltar (2010) apontam, há uma grande defasagem no uso de recursos de informática tanto para o ensino, quanto para a pesquisa no Brasil. Unir a pesquisa social, o uso de tecnologias e a aproximação dos estudantes com estes recursos foi o horizonte metodológico e pedagógico que desenvolvemos, buscando efetivar a pesquisa e os conhecimentos sociológicos como elementos constitutivos de uma consciência crítica e cidadã:

Acrescento que a aprendizagem das metodologias e técnicas necessárias para tratar e analisar dados em uma sociedade, onde o acesso às informações é crescente, constitui um baluarte da democracia. Ao transformar informações em conhecimentos, aquele aluno que emprega estes conhecimentos em debates e também para guiar e fundamentar sua ação política, pode se transformar no cidadão *bem informado* de amanhã. (Dwyer, 2010, p. 174)

A sugestão é, então, unir as tecnologias com a Sociologia, pois “Construir explicações requer mais que o uso de metodologias informacionais; esta atividade requer referências a um corpo de teoria social sobre os temas em análise” (Dwyer, 2010, p. 170). Usando os recursos que aproximam os jovens da ciência facilita sua compreensão dos conteúdos teóricos inclusive.

Os resultados da pesquisa

A organização do questionário propiciou não somente aos estudantes envolvidos na aplicação do questionário, mas para toda a escola, uma série de preocupações e esclarecimentos relacionados ao universo dos saberes que englobam a relação da sociedade, a produção de lixo e esta relação com o meio ambiente. A elaboração do questionário se iniciou a partir de uma “obrigatoriedade” de cumprimento de atividades do calendário escolar estadual, porém se desenvolveu como uma rica experiência pedagógica para todos e todas envolvidos e envolvidas.

A “obrigatoriedade” era derivada de uma atividade interdisciplinar que envolvia toda a comunidade escolar, que recebia o nome de SIEC (Semana de Integração Escola-Comunidade), que buscam promover uma maior aproximação da comunidade (responsáveis, moradores do bairro, comerciantes, instituições) ao ambiente escolar, por meio de atividades esportivas, culturais e pedagógicas organizadas pela escola. Por ser um evento que é aberto a toda comunidade, há muita dedicação, de meses de preparação, até a realização da semana, próxima do fim do ano letivo.

A escolha do tema sobre relação com o meio ambiente surgiu após uma reunião entre todos os educadores e educadoras, e a equipe pedagógica e diretiva da escola. Eleito como um tema gerador de pesquisas, análises, experimentos e atividades artísticas, foi também recebido como um dos mais democráticos, pois geralmente tem a capacidade de atender às demandas das maiorias de adaptações e até mesmo de conteúdos integrais para algumas disciplinas, possibilitando uma maior interdisciplinaridade pedagógica.

A definição dos professores responsáveis e suas respectivas turmas ocorreu por sorteio. Na ocasião, ficou sob minha responsabilidade realizar o trabalho com um professor de uma disciplina não muito correlata à sociologia: a física. Éramos dois professores recém-chegados na escola, de disciplinas tão divergentes (em termos teóricos e de conteúdos), que precisariam desenvolver uma atividade relativa ao meio

ambiente. A inspiração para o trabalho coletivo da pesquisa surgiu a partir de uma conversa informal entre nós em que manifestávamos certo descontentamento pelo fato de os estudantes não se interessarem no valor substancial que o conhecimento científico possui, e que como a escola era justamente a instituição, o local mais privilegiado do acúmulo e dispersão desta forma de saber.

Nosso descontentamento era ainda maior pela circunstância de que éramos dois professores que havíamos recentemente atingido a titulação de mestres. O empenho e empreendimento que havíamos realizado na produção de nossas próprias pesquisas e dissertações de certa forma nos tornava ainda mais adutores dos métodos de pesquisa e da valorização do acúmulo de saberes e descobertas que o movimento intelectual científico havia desenvolvido em séculos e séculos de indagações e explorações.

Havíamos decidido a partir desta conversa que os próprios estudantes desenvolveriam uma pesquisa, ainda que rudimentar, mas que passasse pelas principais etapas do método científico, e que os resultados da pesquisa seriam divulgados na escola para toda a comunidade escolar. Uma vez que os estudantes souberam das atribuições, ficaram ao mesmo tempo entusiasmados e assustados. Justamente porque nunca haviam desenvolvido uma pesquisa, e não sabiam nem por onde começar.

De acordo com as ferramentas, disposição e democracia, os estudantes e nós dois professores concluímos que poderíamos elaborar um questionário para esclarecer algumas questões: em primeiro lugar, o questionário poderia servir como uma sondagem do tema com todos os estudantes da escola. Assim poderíamos indicar também aos outros professores quais temas, conceitos e práticas já são conhecidas e realizadas pelos estudantes, sendo possível então destacar questões interessantes e envolvidoras para todos e todas, desenvolvendo atividades que fossem mais eficientes do ponto de vista pedagógico. Ao mesmo tempo, poderia também servir de subsídio para elaborar uma visão da comunidade escolar e o comportamento dos moradores do entorno da escola no quesito “relação com o meio ambiente”.

O desenvolvimento das perguntas do questionário foi elaborado em grande parte pelos próprios estudantes, e que, por nossa orientação, buscou descobrir, além

do perfil geográfico, e etário, algumas questões práticas sobre a produção do lixo nas residências e como os estudantes compreendiam a necessidade de separar o lixo corretamente, buscar consumir produtos que não agredissem o meio ambiente, e até mesmo algumas questões para mensurar o conhecimento sobre este tema que é aparentemente “do conhecimento de todos”. Os estudantes confessaram que algumas questões haviam sido retiradas da internet, e que outras foram acrescentadas a partir de discussões que eles faziam sob nossa orientação. Por fim, o questionário foi montado com dezenove questões, onde algumas serão apresentadas no decorrer do trabalho. É interessante perceber dos estudantes a sensação de que eles podem “descobrir” algo “velado” a partir de perguntas sobre o que eles gostariam de saber. É válido lembrar que a questão motivadora sobre as perguntas sempre passava por nossa verificação e questionamentos. Por exemplo, sempre questionávamos: é melhor reciclar ou consumir menos? Será que todas as pessoas reciclam? Os coletores de reciclagem passam em todos os bairros? Será que as pessoas sabem quais produtos podem ser reciclados?

Ao aliarmos as TICs que são “ferramentas” de utilização comum e “naturalizadas” entre os jovens, decidimos que, por conveniência, praticidade, agilidade e pela possibilidade da utilização da sala de informática da escola, elaborariamos um questionário *online*. Essa foi uma forma de aproximação entre as linguagens de informática dos jovens e a pesquisa quantitativa que várias ciências utilizam para desenvolver as pesquisas científicas. A ferramenta do Formulários Google se mostrou a mais prática e intuitiva, e também a mais acessível ao nível dos equipamentos de informática que tínhamos disponíveis. Para a montagem do questionário na plataforma do Google, selecionamos um pequeno grupo de estudantes que fariam o cadastro das questões e alternativas, e mais alguns alunos que fariam a revisão ortográfica, textual e prática do questionário, para que tudo ficasse correto antes da aplicação do questionário em toda a escola.

Uma vez que o questionário foi estruturado e estava pronto para a divulgação, passamos para a fase dos testes com alguns professores. Eles foram convidados a responder ao questionário para verificar se havia alguma questão duvidosa, confusa, contraditória, etc. Neste exercício, os estudantes foram orientados a cronometrar o tempo de resposta do questionário para que iniciássemos o cálculo de tempo que levaríamos para aplicar o questionário com todos os estudantes. Os estudantes

perceberam que os professores respondiam ao questionário rapidamente e começaram a se questionar se os estudantes também responderiam na mesma velocidade. Foram, então, orientados por nós para que selecionassem no máximo dois estudantes por turma e que aplicassem o questionário em duplas, para ver se haveria interação ou conversa entre estudantes da mesma turma, o que poderia aumentar ainda mais o tempo do preenchimento.

Com todas as observações feitas, os estudantes já se consideraram “cientistas”, pois perceberam que os estudantes liam as perguntas vagarosamente, além de serem interrompidos pelo colega de sala para qualquer comentário sobre o questionário ou qualquer distração. Estas variáveis – tempo de leitura e distração – quase dobraram o tempo de preenchimento do questionário, e seriam elementos que não teríamos como não levar em conta, já que todas as turmas apresentaram um tempo de preenchimento relativamente próximo. Outra diferença percebida pelos estudantes no piloto foi que os estudantes do ensino fundamental liam ainda mais pausadamente.

A próxima etapa da pesquisa foi verificar entre os equipamentos de informática disponíveis poderia ser perfeitamente utilizados para a aplicação do questionário. Os computadores sem problemas em mouse, teclado e internet foram sendo montados até atingirmos um número próximo de 17 máquinas completas e operando sem alguma dificuldade técnica ou operacional.

Uma vez que todas essas questões estavam esclarecidas, preparadas e organizadas, iniciamos juntamente com a equipe pedagógica e diretiva, o processo de autorização para liberar os estudantes no período de aulas para que fossem até a sala de informática e que preenchessem o questionário. Esta dinâmica foi a mais exaustiva pois vários educadores se recusavam a autorizar a retirada de seus alunos de sala por dez minutos (tempo calculado para toda a logística de ida, permanência de preenchimento e volta à sala de aula). Tivemos de encontrar o dia da semana onde os educadores mais favoráveis à pesquisa e que não se importavam com a breve retirada estivessem concentrados em um dia específico da semana. Feito isso, finalmente iniciamos o processo de preenchimento do questionário.

Elaboramos uma dinâmica e logística onde dois estudantes da equipe de pesquisa buscariam os estudantes em suas turmas, dois estudantes controlariam o

caminho pelo pátio, e mais quatro estudantes ficariam junto aos computadores para atualizar as páginas da pesquisa e dispostos a sanar quaisquer dúvidas relativas ao questionário que pudessem ser manifestadas. A quantidade de questionários corretamente preenchidos atingiu o número de 222 participantes. A estratégia de aplicar o questionário com relativa antecedência foi de grande ajuda, pois os resultados obtidos pelo questionário iluminaram os caminhos de todos os professores em relação aos trabalhos que poderiam ser desenvolvidos com os estudantes, uma vez legitimaram a necessidade de trabalhar com vários temas relacionados ao meio ambiente

Entre as questões mais pertinentes relacionadas aos resultados do questionário, podemos citar alguns resultados considerados pelos estudantes pesquisadores e pelos professores como notáveis: Sobre a pergunta: “Você já jogou lixo na rua?”, 90% dos estudantes do Ensino Médio disseram que sim, e 87,50% dos estudantes do Ensino Fundamental confessaram a mesma prática. A seguinte questão apresentada era uma questão estratégica, pois permitiria sabermos o nível de conhecimento sobre as consequências que a destinação incorreta do lixo causa à sociedade, e obtivemos o seguinte resultado:

Você sabe quais são os problemas causados pelo lixo?		
	Freq.	%
POLUIÇÃO VISUAL	139	62.6%
POLUIÇÃO DO AR	181	81.5%
QUEIMADAS	102	45.9%
POLUIÇÃO DA AGUA	182	82%
DESMATAMENTO	93	41.9%
APARECIMENTO DE PRAGAS	134	60.4%

A atribuição estratégica sobre esta questão se dá pelo fato de que todas as alternativas são problemas causados pela destinação incorreta do lixo. Por isso, esperávamos que todas as alternativas estivessem 100% assinaladas. E, de maneira singular, nenhuma alternativa foi assinalada por todos os estudantes, e duas alternativas não atingiram sequer 50% de marcação (queimadas e desmatamento). Os resultados desta questão foram cruciais para que os professores se alertassem que este deveria ser um conteúdo a ser trabalhado em sala de aula, especialmente nas disciplinas de Ciências e Geografia. Quando analisamos estas duas primeiras

questões apresentadas, infelizmente notamos que, mesmo que boa parte dos estudantes tenha consciência dos problemas causados pelo lixo, a maioria (90%) admitiu ter jogado lixo na rua.

A questão seguinte demonstrou que, por mais planejamento que se possa ter em uma pesquisa, os imprevistos e a diversidade da realidade pesquisada ultrapassam as questões de previsibilidade e controle das respostas. Em relação à questão: *em sua rua existe coleta seletiva?* vários estudantes que preenchem o questionário solicitaram apoio aos estudantes responsáveis pela pesquisa para perguntar se era a reciclagem das cooperativas do município ou dos coletores individuais. Os estudantes explicaram então que há regiões, bairros ou ruas onde a coleta oficial não passa, e que coletores que trabalham por conta própria solicitam aos moradores que lhes entreguem o lixo separado. Como havíamos pensado na alternativa da questão apenas como a coleta oficial, debatemos de imediato e consideramos que o trabalho dos coletores individuais também poderia ser incluída como coleta seletiva, uma vez que evitava que todo o lixo familiar produzido fosse destinado à coleta do lixo comum. Obtivemos como respostas as seguintes informações:

Em sua rua existe a coleta seletiva (reciclagem)?		
	Freq.	%
Sim	128	57.9%
Não	41	18.6%
Já passou e não passa mais	52	23.5%

Mesmo considerando o trabalho dos coletores individuais e a coleta das cooperativas, o número de estudantes que afirmou separar o lixo para reciclagem foi menor do que o número de estudantes que afirmaram que havia coleta seletiva em suas ruas na época da pesquisa. Felizmente, aproximadamente 80% dos estudantes que tinham suas ruas atendidas pela coleta seletiva afirmou separar o lixo. Como a alternativa “às vezes” não informava a frequência (uma vez por mês ou uma vez por ano, por exemplo), ainda obtivemos uma boa participação dos estudantes e suas famílias na correta destinação do lixo.

Uma informação considerada “triste” pelos estudantes da pesquisa foi a de que havia um número maior de estudantes que consideravam saber separar corretamente

o lixo para reciclagem. Ao analisarmos as duas informações de forma comparativa, temos a seguinte visualização:

Você separa o lixo da sua casa para reciclagem em seu município?			Você sabe separar corretamente o lixo para reciclagem?		
	freq.	%		Freq.	%
Sim	103	46.4%	Sim	176	79.3%
Não	63	28.4%	Não	46	20.7%
Às Vezes	56	25.2%			

Na composição das dezenove questões da pesquisa, a questão seguinte foi uma das mais importantes, no sentido de realmente compreender se os adolescentes realmente compreendiam quais eram os tipos de materiais componentes da coleta seletiva. De todas as alternativas, somente uma estava correta (garrafas de bebida). De maneira intencional, selecionamos materiais variados que não fazem parte da coleta seletiva, mas que teriam alguma chance de serem selecionados como potenciais “recicláveis”. Reitero a importância desta questão na pesquisa pois justamente ela foi capaz de desvendar que a maioria dos estudantes não tinha a correta compreensão de quais materiais poderiam ser recicláveis, como vemos nas respostas abaixo:

Qual lixo você acha que faz parte da coleta seletiva?		
	freq.	%
Garrafas de bebidas	194	87.8%
Bandeja de isopor (queijo, presunto, carnes)	167	75.6%
Embalagem aluminizada de salgadinho	130	58.8%
Papel de fotografia	114	51.6%
Acrílico	98	44.3%
Esponja de aço	79	35.7%
Casca de banana	58	26.2%

Os resultados desta questão apontaram a necessidade de um planejamento mais completo e complexo acerca das relações da humanidade com o meio ambiente, já que a falta de conhecimento poderia ocasionar problemas ambientais. A partir dos resultados da pesquisa, os educadores puderam desenvolver trabalhos individuais e coletivos que culminaram na Semana de Integração Escola Comunidade com

objetivos mais delineados, uma compreensão maior e mais completa acerca da influência humana no meio ambiente e como podemos como civilização e sociedade minimizar os riscos e problemas causados pelo uso descontrolado de materiais, pela destinação incorreta do lixo produzido nas cidades e áreas rurais, e inclusive, uma consciência social e ambiental que busca reduzir o consumo como uma das principais soluções de redução dos problemas sociais e ambientais.

Considerações Finais

Este trabalho teve como objetivo apresentar o resultado da intersecção entre o ensino de Sociologia no Ensino Médio, a construção do conhecimento a partir da pesquisa e a utilização das TICS na Educação Básica.

Através da experiência demonstrada com a pesquisa sobre reciclagem buscamos propor uma sugestão de metodologia de ensino em Sociologia no Ensino Médio, uma vez que a disciplina foi reintroduzida recentemente no currículo desta etapa de ensino. Entendemos que a Sociologia tem potencial transformador, estimula o raciocínio crítico dos estudantes e contribui para o exercício da cidadania. Além disso, pode ajudar a compreender a realidade social dos alunos tornando-a objeto de análise científica, favorecendo, assim, a aprendizagem significativa.

A utilização das tecnologias se mostrou positiva e altamente produtiva no sentido de alinhar “diálogos e linguagens” utilizadas pelos jovens no espaço escolar. Isso valoriza-os como sujeitos do conhecimento, tirando-os da posição de receptores para a de produtores do saber. Do ponto de vista da construção coletiva do conhecimento, os resultados da pesquisa produziram discussões e propostas de abordagem de praticamente todas as disciplinas, o que gerou entusiasmo e maior participação dos estudantes em todos os assuntos abordados. Esta abordagem da construção do conhecimento por meio da pesquisa aproximou, ou até mesmo inaugurou, para alguns estudantes, a proposta de “pesquisar para descobrir, descobrir para intervir”.

Encerramos nosso trabalho com uma mensagem de incentivo e uma perspectiva otimista, que encontra no ensino de Sociologia na Educação Básica uma proposta de aproximação dos conhecimentos e práticas de pesquisa das Ciências Sociais o universo juvenil brasileiro, marcado pela diversidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALTAR, R.; BALTAR, C. S. A defasagem das ciências sociais no uso de recursos de informática para o ensino e a pesquisa no Brasil. **La Educación - Revista Digital (OEA)**, Washington, v. 144, p. 1-19, Novembro 2010.

CARRANO, P.; DAYRELL, J. **Formação de professores do ensino médio: o jovem como sujeito do ensino médio**. Curitiba: UFPR/Setor de Educação, v. Etapa I, Caderno II, 2013.

DAYRELL, J. A juventude no contexto do ensino da sociologia: questões e desafios. In: - **Sociologia: Ensino médio**. Brasília: Secretaria de Educação Básica, 2010. (Coleção Explorando o ensino V. 15).

DWYER, T. **Sociologia e tecnologias de informação e comunicação**. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. Brasília, p. 163-186. 2010.

GASPARIN, J. L. **Uma Didática para a Pedagogia Histórico-Crítica**. 2ª. ed. Campinas: Autores associados, 2003.

MEKSENAS, P. **Sociologia Geral**. Brasília: Ministério da Educação, 1988.

SILVA, I. L. F. A sociologia no ensino médio: os desafios institucionais e epistemológicos para a consolidação da disciplina. **Cronos**, Natal, v. VIII, n. 2, p. 403-427, Jul-Dez 2007.